

# Oração ante a última trincheira

Agora, é o silêncio.

E' o silêncio que faz a última chamada:

— Martins! Miragaia! Drausio! Camargo! Paulo  
Virginio!

E é o silêncio que responde:

— Presente!

Depois, será a grande asa tutelar de São Paulo

— asa que é dia e noite e sangue e estrêla e mapa —  
descendo, petrificada, sôbre um sono que é vigília.

E aqui ficareis, Heróis-Mártires, plantados, firmes,  
para sempre,

nêste santificado forrão de chão paulista.

Para receber-vos, feriu-se êle da máxima de entre  
as únicas feridas, na terra, que nunca se cicatrizam,

porque delas uma imensa coisa emerge e impõe-se,  
que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trin-  
cheira se tem o direito de ferir a terra.

E, mais legítima que a ferida do alicerce, que se  
eterniza na casa, a dar tecto para o amor, a família, a  
honra, a paz;

mais legítima que a ferida da lavra, que se eterniza  
na árvore, a dar lenho para o leito, a mēsa, o cabo da  
enxada, a coronha do fusil;

mais legítima que a ferida da sepultura, que se  
eterniza no mármore, a dar imagem para a saudade, o  
consolo, a bênção, a inspiração;

mais legítima que essas feridas é a ferida da trin-  
cheira, que se eterniza na Pátria, a dar toda a pura  
razão-de-ser da casa, da árvore e do mármore.

Êste cavado trapo de terra — corpo místico de  
São Paulo, em que ora existís, consubstanciados —

mais que córte de alicerce, sulco de lavra, cova  
de sepultura, é rasgão de trincheira.

E esta, perêne, que povoais, é a nossa última  
trincheira.

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que deu à terra o seu suor,

a que deu à terra a sua lágrima.

a que deu à terra o seu sangue!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que é a nossa bandeira gravada no chão  
pelo branco do nosso Ideal,

pelo negro do nosso Luto,

pelo vermelho do nosso Coração!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que, atenta, nos vigia;

a que, invicta, nos defende;

a que, eterna, nos glorifica!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que não transigiu,

a que não esqueceu,

a que não perdoou!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que a vossa presença, que é relíquia,

transfigura e consagra num altar

para o vôo até Deus da nossa Fé!

E, pois, ante êste altar, alma de joelhos,

a vós rogamos:

— Soldados santos de 32,

sem armas em vossos ombros, velai por nós!;

sem balas na cartucheira, velai por nós!;

sem pão em vosso bornal, velai por nós!;

sem água em vosso cantil, velai por nós!;

sem galões de ouro no braço, velai por nós!;

sem medalhas sôbre o cáqui, velai por nós!;

sem mancha no pensamento, velai por nós!;

sem medo no coração, velai por nós!;

sem sangue já pelas veias, velai por nós!;

sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós!;

sem sópro mais entre os lábios, velai por nós!;

sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós!;

sem nada senão São Paulo, velai por nós!